

PREVALÊNCIA DE DOR EM CUIDADORES DE CRIANÇAS DE 0 A 12 ANOS QUE NECESSITAM DE AUXÍLIO PARA TRANSPORTE

FELIPPE, Samantha Oliveira^I
MESQUITA, Paula Valente de^I
MORALES, Fabiana Battastini^I
SILVEIRA, Mariana Silva da^I
ZAMBIAZI, Reisi Weber^I

^I*Acadêmica do curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas, RS*

GIUSTI, Patrícia Haertel^{II}

^{II}*Docente e Coordenadora do Curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas, RS; Mestre em Saúde e Comportamento.*

Introdução

O estudo mostra a realidade do cuidador, personagem que Santos (2006) afirma ser a pessoa responsável por prestar cuidados no intuito de minimizar o sofrimento e garantir o bem estar do dependente. A pesquisa visa contribuir para uma reflexão e uma avaliação a respeito do aparecimento de dor decorrente deste tipo de trabalho, bem como se esta interfere no cotidiano e na relação entre a cuidadora e o portador de necessidades especiais.

De acordo com Almeida (2005), embora tenha uma interpretação negativa, a dor funciona como um alerta de que alguma situação está desequilibrada, agindo como um auxiliar na sobrevivência do organismo.

Desta maneira, por intermédio de pesquisa, este trabalho foi realizado a fim de investigar a prevalência de dor em cuidadoras de crianças dependentes.

Material e Métodos

O estudo, de caráter transversal, foi realizado com a autorização de três entidades da cidade de Pelotas, RS, no período de 13 de Maio a 14 de Julho de 2010.

O instrumento usado na pesquisa foi um questionário semi-aberto, respondido por cuidadoras de dependentes de até 12 anos, os quais necessitam auxílio para deslocamento e atividades funcionais. As questões diziam respeito a informações pessoais, existência de dor no corpo e postura perante tal ocorrência, assim como subsídios sobre a relação cuidadora/dependente. Após coletados, os dados foram analisados por meio do software Microsoft Office Excel.

Resultados e Discussão

O estudo teve sua população-alvo composta de 63 mulheres, fundamentando a assertiva justificada por Almeida (2005) e Faro (1999), os quais caracterizam o cuidador quanto ao sexo e definem por gênero – feminino – a função de cuidar. Esta atividade relaciona portador de doença mental e cuidador de forma intensa, exigindo deste um empenho emocional importante. Segundo Santos (2006), esta interação emocional pode ser muitas vezes desencadeadora de alguns quadros de dor.

A análise dos dados referentes à existência da dor condiz com os resultados do estudo de Santos (2006), constatando a prevalência de dor em 93,7% da amostra, enquanto 6,3% não sentiam dor (figura 1).

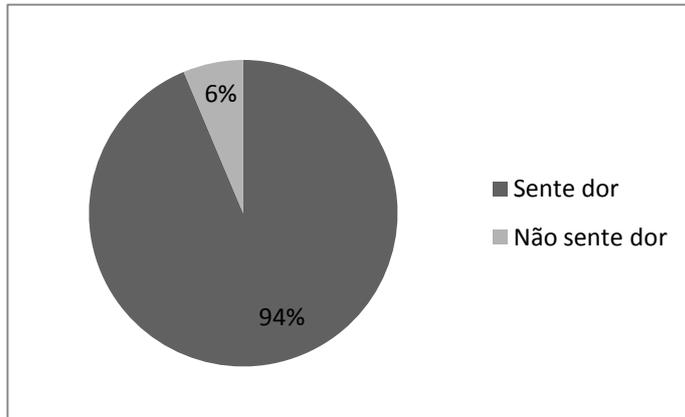


Figura 1. Prevalência de dor em cuidadoras de crianças de 0 a 12 anos que necessitam de auxílio para transporte usuárias dos recursos terapêuticos de três entidades de Pelotas/RS.

Quanto às regiões do corpo mais acometidas, 48% das entrevistadas sentem dor na coluna vertebral, 40% no membro superior e 12% no membro inferior. As participantes relataram dor em locais variados, algumas em mais de um local, predominando os segmentos: coluna lombar 25,6%, coluna vertebral 8,2%, coluna torácica 7,4% e coluna cervical 5,7%. Similar aos resultados de Santos (2006), a dor foi mais referida na coluna lombar; no entanto, não se pode afirmar que existe relação direta entre dor na lombar e o ato de cuidar devido à conclusão do autor, que encontrou números similares para o conjunto das mulheres.

Sobre o agravamento da dor, 43% informaram ocorrer durante o auxílio à criança, 28,8% no descanso noturno, 25,4% na execução de atividades domésticas/trabalho, 2,2% não ter ocorrido agravamento. De acordo com Fassa *et al.* (2004), o ato de cuidar expõe as mulheres a cargas excessivas, possíveis causadoras da dor; Ernst (2005) complementa que o aumento da dor ocorre quando o indivíduo fica muito tempo em uma mesma posição.

Em virtude da dor 76% das mulheres não procuram atendimento médico. Apesar da maioria não ter indicação, 62,2% utilizam medicamentos, enquanto que o restante não faz uso de alternativas para amenizar a dor (figura 2). A automedicação, de acordo com Arnau *et al.* (1997) e Bertoli *et al.* (1998), é comum e prevalece no sexo feminino.

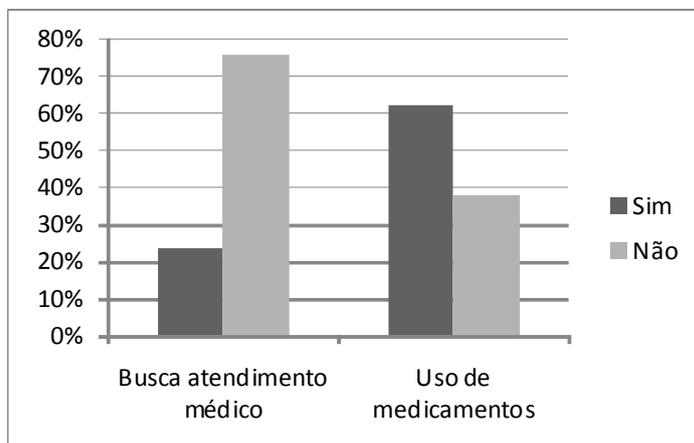


Figura 2. Frequência de busca por atendimento médico e uso de medicamentos em cuidadoras de crianças de 0 a 12 anos que necessitam de auxílio para transporte usuárias dos recursos terapêuticos de três entidades de Pelotas/RS.

Quando questionadas se a dor atrapalha em alguma atividade, 25,4% negaram, 19,8% relataram que a dor incomoda no sono, 16% que afeta o humor e 38,4% referem sentir dor em outros momentos. Os resultados espelham-se com os de Faro (1999) e revelam hábitos comprometidos. O autor explica que no Brasil foi realizado inquérito populacional, constatando que mais de 1/3 da população julga que a dor compromete as atividades habituais e mais de 3/4 que a dor limita as atividades recreacionais, relações sociais e familiares.

Ainda foi constatado que o parentesco se dá 88,8% de mães, 6,3% são avós, 3% não apresentaram grau de parentesco com o dependente e 1,5% são irmãos. Prevalendo a condição de mãe, percebe-se íntima similaridade com estudos realizados por Lopes (2007).

Em relação à carga horária dispensada para a criança, 3,1% passam até 6 horas, 22% passam 12 horas e 74,1% da amostra dedicam todo o dia à criança. 76,2% das cuidadoras não trabalham, enquanto 23,8% realizam atividade remunerada. Podemos ligar estas informações com os achados de Santos (2006), Almeida (2005) e Faro (1999), os quais explicam que a relação mantida entre cuidador e dependente, na maior parte das vezes, é estabelecida no espaço doméstico, excluindo a possibilidade exercer uma profissão.

Dentre as patologias mais freqüentes, 47,6% das crianças possuem paralisia cerebral e 52,4% são acometidas por patologias variadas. Segundo Arnau *et al.* (1997), o levantamento de dados referente ao diagnóstico das crianças não determina uma variável relevante no que diz respeito à repercussão da dor na atividade do cuidar.

Conclusão

Diante do estudo foi possível concluir que cuidar representa um ato de ocupação, preocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo com o outro. Além do mais, foi verificado que estas ações exigem dedicação integral, a qual é fator importante no déficit de autocuidado e, conseqüentemente, no aparecimento de quadros de dor. Tal assertiva pode ser verificada com base nos dados, a partir dos quais foi encontrada uma situação alarmante de prevalência de dor em 93,7% das mulheres, sendo constatada a importância de 25,6% de dor lombar entre estas.

Visando melhorias na qualidade de vida do cuidador, personagem fundamental, seria pertinente propor abordagens terapêuticas que considerassem os fatores biológicos e psicossociais e planejar ações de assistência e orientação aos cuidadores. Além disso, é imprescindível a intervenção sobre essa condição de saúde antes que se torne crônica e conduza à incapacidade. Tais intervenções poderão reverter-se em benefícios para o cuidador, para a criança e seus familiares. Afinal, Lopes (2007) recorda com propriedade, cuidar de quem cuida é também uma responsabilidade dos profissionais de saúde.

Referências Bibliográficas

1. ALCÂNTARA, Marcus Alessandro de; FIALHO, Camila Bruno; MAIA, Angélica Campos; MORAIS, Rosane Luzia de Souza. Incapacidade funcional associada à lombalgia em cuidadores de crianças com paralisia cerebral grave. **Rev Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v.15, n.4, p.349-54, out./dez. 2008.
2. ALMEIDA, Tatiana Lemos de. **Características dos cuidadores de idosos dependentes no contexto da Saúde da Família**. 2005. Tese (Mestrado em Saúde da Comunidade) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.
3. ARNAU, Josep Maria; ARRAIS, Paulo Sérgio; BATISTA, Maria do Carmo; CARVALHO, Marisa; COELHO, Helena Lutécia; RIGHI, Roberto. Perfil da automedicação no Brasil. **Rev de Saúde Pública**, Universidade de São Paulo, v.31, n.1, p. 71-7, 1997.
4. BORTOLI, Rodrigo; LEMOS, Rafael; RODEL, Ana Paula; SILVEIRA, Cristiane; SOARES, Iberê; VILARINO, Jorge. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Rev de Saúde Pública**, Universidade de São Paulo, v.32, n.1, p. 43-9, 1998.
5. ERNST, Edzard. **Dor nas Costas**. São Paulo: Vitória Régia, 2005.
6. FARO, Ana Cristina Mancussi e. Uma proposta de levantamento de dados para a assistência à família e ao cuidador de lesados medulares. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v.33, n.4, p. 334-41, dez. 1999.
7. FLORIANI, Ciro Augusto. Cuidador familiar: sobrecarga e proteção. **Rev Bras Cancerologia**, Rio de Janeiro, v.50, n.4, p. 341-5, 2004.
8. LOPES, Maria Helena Baena; BECK, Ana Raquel Medeiros. Cuidadores de crianças com câncer: aspectos da vida afetados pela atividade de cuidador. **Rev Bras Enferm**. Brasília, v.60, n.6, p. 670-5, dez 2007.
9. SANTOS, Silvia Helena dos. **A dor crônica no cotidiano de mulheres cuidadoras de portadores de doença mental**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Instituto de pesquisa e desenvolvimento, Universidade do Vale da Paraíba, São José dos Campos, 10 de Nov. 2006.
10. SILVA, Marcelo Cozzensa da; FASSA, Anaclaudia Gastal; VALLE, Neiva Cristina Jorge. Dor lombar crônica em uma população adulta do Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p. 377-85, 2004.